

VACCEA 2015

ANUARIO



Universidad de Valladolid Facultad de Filosofía y Letras
Centro de Estudios Vacceos "Federico Wattenberg"

Núm. 9 octubre 2016

www.pintiavaccea.es

5 €

PINTIA CAMPAÑA XXVI
EXCAVACIONES EN LAS RUEDAS

GRAVURAS DEL CÔA
IDADE DO FERRO

TARIEGO DE CERRATO
CIUDADES VACCEAS

ERAS DEL BOSQUE
EN EL MUSEO DE GRANADA

ORFEBRERÍA VACCEA
PRODUCCIONES VACCEAS



VACCEARTE

VacceArte, arte contemporânea de inspiração vaccea, cumpriu em 2015 su octava edición, con proyección internacional en Portugal, en lugares tan emblemáticos como el Museo do Cõa o el Museu de Olaria de Barcelos. La muestra alcanzó en 2016 la ciudad de Valladolid, exhibiéndose en la sala de exposiciones municipal Casa Revilla. Cuarenta artistas ibéricos participaron en esta iniciativa plástica que pretende difundir el legado vacceo de lugares como Pintia. En las líneas que siguen toman voz los responsables de las salas de exposición y los comisarios artísticos de Portugal y España.



Foz Côa
Barcelos
Valladolid

1. VacceArte no Museo do Cõa

Colocar num plano artístico a realidade histórica de uma cultura tão singular quanto a que os Vacceos legaram à arqueologia espanhola é, há 8 anos, um projeto desafiante. Um desafio para os artistas ibéricos que nela bebem inspiração, para o Centro de Estudos Vacceos Federico Wattenberg que através da Universidade de Va-

lladolid coordena a exposição de arte contemporânea de inspiração Vaccea VacceArte e para a Associação Portugal à Mão, também parceira nesse projeto. Falamos pois da arrojada ideia de cruzar ciência e arte, desdobrando e tentando

aproximar sob diferentes linguagens as realidades distantes desses povos pré-romanos.

Sete anos volvidos da primeira edição, 2015 foi a vez do Museu do Cõa receber com muito agrado a arte

Visita de los artistas participantes al Parque del Cõa, Patrimonio de la Humanidad, durante la primavera de 2015.





Inauguração da 8ª mostra de VacceArte, dedicada ao "bestiário vacceo", nas salas 2 y 3 del Museo del Còa. En la parte central de la imagen, de izquierda a derecha, el vicerrector de Internacionalización y Extensión Universitaria, D. José Ramón González, el director del CEVW, D. Carlos Sarz Mínguez y el director del Parque Arqueológico Vale do Còa, D. Antonio Martínho Baptista.

e a arqueologia desse Douro que nos é comum, numa exposição dedicada ao bestiário Vacceo do sítio arqueológico de Pintia e pontuada também por abordagens ao bestiário presente na arte rupestre do Vale do Còa.

Esculturas de Jorge das Neves Branco, "Depois, vem o silêncio...", dispostas na sala 1 del Museo del Còa.



Procurando sempre criar pontes entre as artes — a das origens e a da nossa contemporaneidade —, o Museu do Còa abriu, pois, as portas ao coletivo de artistas espanhóis e portugueses para mais um diálogo sobre o imaginário pré e proto-histórico, proporcionando nesta edição revisitações e recriações em torno do repertório rupestre do Còa.

E porque o Museu do Còa sempre se pautou por ir ao encontro das múltiplas variantes artísticas contemporâneas (fotografia, pintura, gravura, escultura ou instalação), vem muito a propósito este novo formato assente na ciência e na arte.

Assim, numa brevíssima descrição olhemos para o primeiro espaço expositivo, que se nos abriu com uma escultura de recorte imponente composta por 8 peças ladeada por um conjunto de pequenos guerreiros e uma instalação metálica "depois vem o silêncio", fazendo referência aos punhais

dos guerreiros Vacceos e aos animais que neles e noutros objetos aparecem representados. Depois, os restantes espaços revelaram-se-nos numa ritmada fusão entre arte e arqueologia, convivendo lado a lado várias réplicas da fauna selvagem e domesticada e de objetos do quotidiano Vacceo e, claro, a arte rupestre do Còa, com obras de arte contemporânea apresentadas sob forma de escultura, pintura, ilustração, tecelagem, olaria e instalação.

Foi desta forma que entre 26 de setembro e 7 de novembro o Museu do Còa brindou os seus visitantes, muitas vezes surpreendidos por esse mosaico possível, assente na ciência, mas aberto ao desafio das artes. E assente nesta ideia a exposição mostrou-se depois às terras de Rosa Ramalho, integrando o vastíssimo imaginário do mundo figurado no Museu da Olaria em Barcelos para depois voltar a Valladolid.

Ficou assim completa esta original viagem focada na memória do povo Vaqueo. O Parque Arqueológico e o Museu do Côa agradecem à organização a oportunidade de parceria na edição de 2015 e esperam que no futuro outras leituras se venham a proporcionar!

Este projeto representa um inestimável contributo para a reflexão sobre a forma como as artes podem tornar mais inteligível e interessante o conhecimento arqueológico para o grande público. Cabe, pois, também aqui o papel social da arqueologia, no sentido de fomentar a criação de espaços de mediação entre a ciência, a sociedade e as artes. A exposição VaqueArte é disso grande exemplo!

Jorge Davide Sampaio

Arqueólogo

Fundação Côa Parque (Parque Arqueológico e Museu do Côa)

2. VaqueArte no Museu de Olaria de Barcelos: o "bestiário", agora como há 2500 anos...

De 14 de Novembro de 2015 a 10 de Janeiro de 2016, sob a temática "o bestiário Vaqueo", a VACCEARTE foi apresentada no Museu de Olaria de Barcelos, no norte de Portugal, onde conviveu lado a lado com o figurado cerâmico da coleção do Museu, fenómeno da cultura local tradicional tão marcante na história, passada e presente, da região.

Quando as vontades se encontram...

Tendo como objetivo principal proporcionar o diálogo territorial e intercultural na "Ibéria" e prosseguindo na vontade de divulgar e recuperar a memória dos povos que habitaram o espaço central da bacia do Douro —os Vaqueos—, o Centro de Estudos Vaqueos "Frederico Wattenberg" da Universidade de Valladolid convidou a Associação Portugal à mão a juntar-se ao projeto, na sua edição de 2012, e desde então a iniciativa ganhou uma dimensão ibérica com a participação de artistas portugueses que, juntamente com os espanhóis, criam obras com base nas reflexões e nas interpretações contemporâneas das simbologias e cultura material desta cultura pré-romana.

Pintura, escultura, cerâmica, artes têxteis, entre muitas outras abordagens artísticas, todas as áreas concorrem para expressar visões contemporâneas que, de algum modo, refletem o que o espólio material escavado na Zona Arqueológica de Pintia em Padilla de Duero/Peñaflor (Valladolid) nos vai contando acerca desta comunidade vaccea.

Em 2015, sob a temática "bestiário Vaqueo" a exposição esteve presente em Vila Nova de Foz Côa — Museu do Côa onde manteve um diálogo com a paisagem ancestral das gravuras paleolíticas e da Idade do Ferro e depois, no Museu de Olaria de Barcelos, onde conviveu com o figurado cerâmico tão presente na história e cultura de Barcelos. Por fim regressou a Valladolid, enriquecida com as incorporações de alguns dos sinais de identidade assimilados no seu itinerário português, fechando-se assim mais um ciclo.

Porquê Barcelos e o tema do bestiário

A pertinência da apresentação desta edição da VaqueArte em Barcelos, e mais concretamente no Museu de Olaria, é inquestionável. Aqui, como em Pintia há cerca de 2500 anos, gentes locais exprimem artisticamente (em cerâmica) a sua visão do mundo - o real e o imaginário, respetivamente através de representações de cenas do quotidiano e de criações mais livres e espontâneas.

A representação da fauna, já constatada na região em finais do sé-

culo XIX, continua a marcar a atividade dos barristas de Barcelos, quer como representação de quadros do real (fauna local), quer como reflexo de um imaginário, muito querido na expressão artística dos barristas barcelenses. Cabras, sardões, lagartos, porcos, ouriços, pássaros, galos... - representações da fauna com que o artesão barrista contacta no seu quotidiano - e monstros, bichos, figuras híbridas - metade gente metade animal, fruto do imaginário e da leitura crítica do real, continuam a constituir temática importante na produção de Figurado de Barcelos, expressão da herança cultural e familiar destes barristas.

Este Figurado, cujas peças tinham inicialmente apenas alguns centímetros de altura, raramente era usado como elemento decorativo doméstico. A sua função era a de servir de brinquedo para crianças. Cada peça apresentava sempre um assobio e orifícios para palitos. A primeira característica dava carácter lúdico ao brinquedo, enquanto a segunda pretendia conferir-lhe alguma utilidade (Rocha Peixoto, citado por Lapa Carneiro, in Boletim Informativo do Museu Regional de Cerâmica, p. 15-22, 1967).

Até meados do século XX, o Figurado era visto como uma arte menor, muitas vezes produzido para aproveitar os restos do barro, trabalho de mulheres que ao lado dos maridos oleiros assim contribuíam para a economia de subsistência familiar. Até que, no final

Exterior del Museo de Cerámica de Barcelos, con el emblemático gallo y la pancarta de la exposición de VaqueArte en primer término.





da década de 50, a artesã Rosa Ramalho é descoberta pelo pintor António Quadros, professor da Escola de Belas Artes no Porto, que conjuntamente com outros intelectuais e artistas projetam a artesã e a sua obra. Dá-se, então, não só o reavivar do Figurado, como lhe são introduzidas novas temáticas. A religião assume-se como elemento preponderante. Ao mesmo tempo, emergem peças expressando manifestações de religiosidade supersticiosa que roçam o paganismo, cujo exemplo mais flagrante é a figura do diabo representado com formas exuberantes.

Embora, a partir de meados do século XX, a representação da fauna no Figurado de Barcelos tenha perdido expressão face aos elementos figurativos religiosos, não deixa de ser interessante perceber que a produção desse tipo de peças continua a marcar a atividade dos artesãos barristas, prosseguindo uma tradição que já em finais do século XIX era assinalada por Rocha Peixoto como a mais copiada, e também ela objecto (...) de divagações que a fantasia empreeende ou sugere (Peixoto, Rocha. As

Olarias de Prado. Cadernos de Etnografia, 7, Barcelos, 1966, p. 39).

Mas se estas peças são representações da fauna com que o artesão barrista toma contacto no seu quotidiano, já as representações do *animal feroz*, da *matrafona/parreira*, da *medusa* e do

Diversas perspectivas de la exposición en la Sala de temporales del Museo de Cerámica de Barcelos.





Talleres de cerâmica desenvolvidos no Museu de Barcelos com motivo da exposição VacceArte.

leão dizem respeito ao tal bestiário fruto do imaginário. O animal feroz é uma figura híbrida com corpo humano e cabeça de animal (...) uma boca grande em forma circular, rodeada de dentes. De igual modo, a matriarca ou parteira é também uma figura híbrida, com corpo humano e cabeça de animal, tendo a particularidade de sustentar nos braços dois filhos com as mesmas características.

Em suma, os artesãos dão vazão à veia criativa que lhes corre no sangue da herança cultural familiar, representando as formas que sempre conheceram, a eterna quotidiana e as enfiadas antigas do mundo animal: há bichos-homens, seres, monstros (...) figuras com formas insinuante e deliberadamente ambíguas (...) apresentando uma significação dupla, ao mesmo tempo desresponsabilizada das leituras possíveis (...) mas que insinuam uma leitura crítica do real, um olhar pessoalizado e, como tal, individualizado do produtor sobre a realidade (Rios, Conceição, Ramos, Graça, Rêgo, Pedro. Figurado de Barcelos: Desenhos de Barro. Câmara Municipal de Barcelos, Museu de Olaria, Serviço de Turismo, 2006, p. 42).

É assim que, de anónimos boneiros a artesãos de marca e certificação garantida, de todos eles se fez e faz este modo de vida, que expressa

tradições e representações simbólicas e sedimenta a memória social e a identidade cultural muito profundas, da região cerâmica de Barcelos.

Workshop subordinado ao tema do bestiário

No âmbito desta exposição e dada a proximidade dos tratamentos da temática do bestiário, decorreu um workshop em que barristas de Barcelos foram convidados a interagir com artistas e artesãos contemporâneos participantes na exposição VACCERTE e com público em geral para, em conjunto, refletirem e expressarem plasticamente as suas aproximações ao tema.

Tratou-se de uma iniciativa do maior interesse, quer pela interação dos dois mundos (barristas locais tradicionais e artistas contemporâneos), quer pela tentativa de cruzamentos estéticos e técnicos inerentes a esta colaboração. Os resultados, ainda que ténues dada a curta duração do workshop, serviram para demonstrar que estas duas abordagens, quando postas ao serviço de uma reflexão e interpretação comuns, permitem entender o âmbito e a abrangência da representação artística para além das características plásticas das peças. Toda uma carga simbólica e cultural é vertida para os trabalhos de artesãos e artistas, numa simbiose de tradição

e contemporaneidade, de passado e presente, de representação do real e criatividade.

Graça Ramos
(Comissária artística Vaccearte Portugal)
Portugal à mão - Centro de Estudos e Promoção das Artes e Ofícios Portugueses
Cláudia Milhazes
Museu de Olaria de Barcelos

3. ...y expusimos en Valladolid

Tras el periplo de el bestiário vocceo por tierras portuguesas, la brigada de empuje partió el lunes 11 de enero de 2016 hacia las tierras del noroeste para desmontar, embalar y cargar en sendas furgonetas la exposición que hasta ese momento se encontraba en el Museu de Olaria, sito en la ciudad portuguesa de Barcelos (famosa por la Leyenda del Gallo y cuna de estupendos ceramistas) y que esa misma tarde debería descargar en la Casa Revilla de Valladolid, cuestión que terminó cerca de las diez de la noche. ¡Misión cumplida!

En la mañana del martes día 12, casi sin despuntar el día, comenzó el desembalaje, montaje de vitrinas,



VacceArte en Casa Revilla, Valladolid.
Trabajos preliminares de montaje.

distribución de piezas y colocación de cartelas. Se dio por terminada la tarea justo para poder celebrarlo con un aperitivo a base de buen Ribera, olivas y tortilla de patata en Coco; amable lugar donde pudimos ver los retratos realizados por nuestra compañera y fotógrafa Henar Sastre.

Si me permitís un inciso, quiero resaltar el calor extremo del semisótano de ubicación de la sala donde, fácilmente, la diferencia de temperatura con el exterior pasara de los veinte grados.

Para constatar el hecho, podéis fijaros en las mangas cortas de los montadores de las fotos. Pues, bueno, ni aún así se soportaba.

El excesivo calor dio alas al montaje. Había que darse prisa para salir de aquel horno antes del derretimiento neuronal. Una vez metidos en harina, mientras Nacho, como director de escena, la gozaba dirigiendo a los tres operarios puestos por el Ayuntamiento, que se ocuparon de taladrar las paredes y colgar las obras, el resto de los vacceos

presentes (Carlos Sanz, Eva Laguna, Luis Sanz y yo mismo, que hice la foto), nos dedicamos a lo nuestro sin prisas pero sin pausas. Frenética mañana de colocar piezas y cerrar vitrinas.

¡Todo dispuesto!

Al mediodía del miércoles día 13, se realizó la presentación de *bestiario vacceo*. VacceArte, 8ª exposición de arte contemporáneo de inspiración vaccea a la prensa y público asistente, a cargo de Ana Redondo (Concejala de Cultura del Ayuntamiento de Valladolid), José Ramón González (Vicerrector de Internacionalización y Extensión universitaria de la UVA) y Carlos Sanz Mínguez (Profesor titular del Departamento de Prehistoria y Arqueología de la Universidad de Valladolid, Director del Centro de Estudios Vacceos Federico Wattenberg, e impulsor y comisario científico de VacceArte).

Ana Redondo, tras resaltar el record de desmontar en Barcelos y montar en Valladolid en sólo 48 horas, procedió a la presentación de la muestra, resaltando la labor divulgativa que se realiza desde el CEVW, el esfuerzo del grupo de profesores de la Universidad que intervienen en el proyecto, «sin cuyo compromiso no podríamos disfrutar de esta exposición, así como la colaboración de los artistas portugueses y españoles que participan en la muestra», dijo textualmente.

José Ramón González nos habló del placer de presentar la muestra en Valladolid, dado que ya tuvo la oportunidad de hacerlo en el Museo do Còa, primera sede de VacceArte 2015. En su intervención resaltó la importancia de la reivindicación y divulgación, por parte de los artistas contemporáneos, de la cultura y la existencia de una etnia prerromana, acercándola al pueblo para mantener vivo el legado y la herencia de Pintia, que no tiene por qué ser exclusivamente «cosa de museos».

Rueda de prensa en Casa Revilla. De izquierda a derecha, vicerrector de Internacionalización y Extensión Universitaria, D. José Ramón González, el director del CEVW, D. Carlos Sanz Mínguez y la concejala de Cultura del Ayuntamiento de Valladolid, Dña. Ana María Redondo García.





Diversas perspectivas de la exposición en Casa Revilla.



Carlos Sanz resaltó la importancia de Valladolid como matriz de este conocimiento generado desde el Centro de Estudios Vaceos Federico Watenberg y agradeció a los anatomistas de la Universidad de Valladolid y a los artistas participantes que según sus palabras: «Nos ayudan a revertir y actualizar ese legado vacceo». Habló de las veinte mil piezas recuperadas en estos quince años de existencia del CEVFW, y de la importancia que tienen las decoradas por ser el único vestigio impreso de un pueblo ágrafa; y explicó de paso que las cerámicas y objetos de bronce de las vitrinas, pertenecen a la investigación arqueológica experimental, que forma parte del proyecto y son réplicas facsímiles de las originales, en las que se han tenido en cuenta texturas, pesos y diámetros exactos.

Al término de su intervención comunicó a la prensa que este año era de celebración, dado que se cumplían quince años de la creación del CEVFW y sugirió que a partir de esta exposición la muestra tendría un carácter bienal.

Posteriormente, ya en el turno de preguntas, Carlos Sanz habló de Pintia como un proyecto sostenible gracias al desarrollo de diversas actividades como cursos para extranjeros, Programa Doceo para escolares, venta de mercadotecnia, visitas guiadas, voluntariado, sin olvidar a las empresas privadas que colaboran en la publicación de *VacceArte Anuario* mediante publicidad y, por supuesto, a la propia Universidad, propietaria de las instalaciones del Centro y que se ocupa de su mantenimiento y mejora.

Respondiendo a una pregunta sobre financiación añadió: «el proyecto Pintia es un modelo de ausencias públicas y colaboración ciudadana».

Para terminar la rueda de prensa, Ana Redondo reconoció la falta de colaboración de la Junta de Castilla y León y de la Diputación Provincial de Valladolid e hizo un llamamiento a la colaboración, promoción y acompañamiento a proyectos de interés público.

La exposición en la Casa Revilla del Ayuntamiento de Valladolid ha sido todo un éxito de público; visitada por centenares de personas interesadas por ese legado vacceo, tan nuestro y tan desconocido por los habitantes de estas tierras que habitaron ellos desde hace más de dos mil años hasta su asimilación total con Roma.

Tras esto, el pasado día 1 de febrero de 2016 procedimos a desmontar, embalar y retirar nuestra 8ª muestra de arte contemporáneo de inspiración vacceo. Ahora, terminado el periplo, hemos arribado a nuestra querida Ítaca, donde calafatearemos la nao y la dejaremos lista para enfrentarnos a la siguiente singladura.

Gracias a todos los navegantes que hemos compartido tan singular viaje, nuestro recorrido ha sido un rotundo éxito.

Marco Temprano
Comisario Artístico VacceArte España